

Brasil terá “caminho estreito e difícil”, afirma Greenspan

Fed avalia que é cedo para medir o contágio da crise na região

O presidente do Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA), Alan Greenspan, acredita que ainda é cedo para diagnosticar os efeitos que a crise do Brasil provocou sobre outros países. “É muito cedo para assumir que o contágio passou, mas o risco é hoje menor do que já foi”, disse ontem, no depoimento “Humphrey-Hawkins”, feito todo semestre ao comitê bancário do Senado.

Greenspan admitiu estar preocupado com possíveis consequências dos problemas brasileiros para países como Argentina e México. Mas lembrou que o peso mexicano se apresenta agora mais forte do que antes de os problemas na maior economia latino-americana terem vindo à tona. E também que a Argentina foi capaz de retornar ao mercado de capitais em três semanas após o estouro da crise, fazendo vários lançamentos de bônus. “Estamos observando um enorme grau de sofisticação em como lutar contra problemas contagiosos fluindo no sistema financeiro internacional”, afirmou.



Alan Greenspan

O presidente do Fed avalia que o Brasil terá dificuldades em restaurar a confiança do investidor após a crise cambial que afetou o País no início de janeiro. “As autoridades brasileiras precisam seguir por um caminho muito estreito e difícil, o de restaurar a confiança (dos investidores) e manter a inflação contida por meio da política monetária, enquanto lidam com sérios desequilíbrios fiscais”, disse. “Apesar de a situação

no Brasil permanecer incerta, houve contágio limitado a outros países até agora”, acrescentou.

O presidente do Fed disse ainda que analisa o pedido da Argentina para adotar o dólar como moeda no país, mas que ainda não existe consenso no governo dos Estados Unidos sobre as consequências da dolarização de economias estrangeiras.

Greenspan disse esperar para “breve” uma posição conjunta do Tesouro norte-americano e do Fed sobre o assunto. “Deveremos ter em conta que nossa política monetária é sempre para os Estados Unidos em primeiro lugar. Não podemos ser o banco central dos Estados Unidos e de outros países”, disse ao ser questionado por senadores, após discurso no comitê bancário da Casa. “Não há unanimidade dentro do governo norte-americano sobre qual deve ser nossa posição sobre o assunto”, acrescentou.

O presidente do Fed lembrou, contudo, que não há nada que impeça um país de adotar o dólar como moeda, caso do Panamá e Libéria.